

Caçadores de ursos

Alexandre Dumas, Pai

Vivia na aldeia de Fouly, faz alguns anos, um pobre camponês chamado Guilherme Mona. Todas as noites um urso ia roubar-lhe as pêras, porque para esses animais tudo serve. Ele dirigia-se, contudo, de preferência a uma pereira carregada de pêras d'água. Quem suspeitaria que um animal desses possuísse gostos iguais aos dos homens e que fosse escolher num pomar justamente as pêras d'água? Ora, por desgracia, o camponês de Fouly também preferia essas pêras a todos os demais frutos. A princípio, julgou que as crianças fossem responsáveis pelos danos ao pomar; por isso apanhou a espingarda, carregou-a com sal grosso de cozinha e pôs-se à espreita. Cerca de onze horas, ribombou pela montanha um rugido. “Ora esta, disse ele, há um urso nas proximidades.” Dez minutos depois ouviu-se um segundo rugido, mas tão forte, tão próximo, que o camponês pensou não dispor de tempo para alcançar a sua casa e estendeu-se ao comprido no chão, alimentando uma única esperança: a de que o urso viesse atrás das pêras e não dele.

De fato, o animal apareceu quase imediatamente a um canto do pomar e dirigiu-se em linha recta para a pereira em questão, passou a dez passos de Guilherme, subiu rapidamente à árvore, cujos galhos estalavam ao peso de seu corpo, e pôs-se a causar aí tais estragos que se tornava evidente serem bastantes duas visitas iguais àquela para a terceira se tornar inútil. Quando se fartou, o urso desceu vagorosamente, como se lhe pesasse fazê-lo, tornou a passar junto ao nosso caçador, a quem a espingarda carregada de sal não poderia ser muito útil, naquela situação, e retirou-se tranquilamente para a montanha. Tudo isso durara cerca de uma hora, durante a qual o tempo parecera maior ao homem que ao urso.

O homem era valente, entretanto..., e dissera baixinho, ao ver o urso afastar-se: “Está bem, vai-te, mas isto não ficará assim, tornaremos a ver-nos.” No dia seguinte, um vizinho que fora visitá-lo encontrou-o serrando em pedaços os dentes de um forçado.

– Que estás a fazer? – perguntou-lhe:

– Divirto-me, – respondeu Guilherme.

O vizinho apanhou os pedaços de ferro, virou-se em todos os sentidos, como homem que sabe o que pensar, e depois de reflectir um instante disse: “Olha, Guilherme, se queres ser franco confessa que estes pedacinhos de ferro estão destinados a furar uma pele mais grossa que a de um camelo.

– Talvez – respondeu Guilherme.

– Sabes que sou boa pessoa – prosseguiu Francisco (era o nome do vizinho), – pois bem! se quiseres, enfrentaremos ambos o urso: mais valem dois homens que um só.

– Depende, – disse Guilherme. E continuou a serrar um terceiro pedaço de ferro.

– Olha, – continuou Francisco, ficarás com a pele sozinho; apenas dividiremos o prémio e a carne.

– Prefiro tudo – disse Guilherme.

– Mas não me podes impedir de procurar o rasto do urso na montanha e, caso o encontre, de me emboscar no seu caminho.

– És livre de fazê-lo.

E Guilherme, que acabara de serrar os seus três pedaços de ferro, começou, assobiando, a preparar uma carga de pólvora duas vezes maior do que a geralmente usada em carabinas.

– Parece-me que vais usar a tua espingarda, – disse Francisco.

– Claro! Três pedaços de ferro são mais seguros que uma bala de chumbo.

– Isso estraga a pele.

– Porém mata mais depressa.

– E quando pretendes fazer a caçada?

– Saberás amanhã.

– Pela última vez, não queres?

– Não.

– Previno-te que vou procurar o rasto.

– Divirta-se.

– Nós ambos, não?

– Cada qual por si.

– Adeus, Guilherme!

– Boa sorte, vizinho!

E o vizinho, ao afastar-se, viu Guilherme colocar na espingarda a dupla carga de pólvora, carregá-la com os três pedaços de ferro e encostar a arma num canto do aposento. À noite, voltando a passar em frente à casa, avistou, no banco junto à porta, Guilherme sentado, a fumar tranquilamente o seu cachimbo. Procurou-o novamente. “Olha, disse-lhe, não guardo rancor. Achei o rasto do nosso animal; de modo que não preciso mais de ti. Contudo, proponho-te mais uma vez trabalharmos juntos.

– Cada qual por si – disse Guilherme.

Às dez e meia, a sua mulher viu-o apanhar a espingarda, dobrar de baixo do braço um saco de cor cinzenta e sair. Não ousou perguntar-lhe aonde ia. Francisco, por seu lado, realmente encontrara o rasto do urso; seguira-o até o instante em que penetrara no pomar de Guilherme. E, não tendo o direito de ficar de tocaia nas terras do seu vizinho, postou-se no pinheiral que fica a meio caminho

entre a montanha e o pomar de Guilherme.

Como a noite estivesse muito clara, viu este último sair de casa pela porta dos fundos. Guilherme caminhou até um rochedo acinzentado que rolara da montanha até o meio da sua propriedade e que ficava a vinte passos, quando muito, da pereira, deteve-se aí, olhou para o saco, meteu-se dentro dele, deixando aparecer apenas a cabeça e os braços, e apoiando-se à rocha, depressa confundiu-se a tal ponto com a pedra, graças à cor do saco e à imobilidade em que se conservava, que o vizinho, embora ciente de que ele ali estava, não conseguia distingui-lo. Um quarto de hora decorreu assim à espera do urso. Por fim, um rugido prolongado anunciou-o. Cinco minutos após, Francisco avistou-o.

Mas, fosse por malícia, fosse por ter farejado o segundo caçador, ele não seguia o caminho habitual; fizera, pelo contrário, uma volta, e em vez de passar à esquerda de Guilherme, como acontecera na véspera, passava agora à sua direita, fora do alcance da arma de Francisco, mas a dez passos, no máximo, da espingarda de Guilherme.

Guilherme não se moveu. Poder-se-ia julgar que nem mesmo estivesse vendo a fera que ele fora tocar e que parecia desafiá-lo passando tão próximo. O urso, ao qual o vento não ajudava, pareceu, por seu lado, ignorar a presença de um inimigo, e continuou rapidamente o seu caminho em direcção à árvore. Mas, no instante em que, erguendo-se nas patas traseiras, abraçou o tronco com as patas dianteiras, descobrindo o peito, que os seus grossos ombros não mais protegiam, brilhou de súbito um sulco rápido de luz junto ao rochedo e todo o vale ribombou com a descarga da espingarda provida de dupla carga, de pólvora, e com os bramidos do animal, mortalmente ferido. Não houve uma pessoa sequer na aldeia, talvez, que não ouvisse a detonação da espingarda de Guilherme e o bramido do urso. Este fugiu, tornando a passar, sem velo, a dez passos de Guilherme, que tornara a meter os braços e a cabeça no saco, confundindo-se outra vez com o rochedo.

O vizinho olhava semelhante cena apoiado nos joelhos e na mão esquerda, apertando a carabina com a direita, pálido e contendo a respiração; não obstante tratar-se de um caçador arrojado, confessou-me que, nesse instante, preferia estar na sua cama a estar ali na tocaia.

Muito pior foi quando ele viu o urso ferido, depois de dar uma longa volta, tentar seguir o caminho da véspera, que o levava directamente onde ele se encontrava. Fez o sinal da cruz, porque os nossos caçadores são religiosos, encomendou a alma a Deus e verificou se a carabina estava pronta para disparar. O urso estava somente a cinquenta passos, rugindo de dor, parando para torcer-se e morder o flanco no lugar do ferimento, e depois continuando a avançar.

Cada vez mais se aproximava. Estava apenas a trinta passos. Mais dois segundos e iria chocar-se contra o cano da carabina do vizinho quando parou de repente, aspirou ruidosamente o vento que

soprava do lado da aldeia, soltou um bramido terrível e voltou para o pomar.

– Cuidado, Guilherme! Cuidado! – exclamou Francisco precipitando-se atrás do urso e tudo esquecendo para apenas pensar no amigo, porque bem via que se Guilherme ainda não houvesse carregado de novo a espingarda, estaria perdido. Não dera dez passos quando ouviu um grito. Um grito humano, um grito ao mesmo tempo de dor e de agonia; um grito no qual a pessoa que o soltava reunira todas as forças de seu peito, todos os seus rogos a Deus, todos os seus pedidos de socorro aos homens: “A mim!...”

Depois, mais nada, nem sequer um lamento sucedeu ao grito de Guilherme.

Francisco não corria, voava; o declive do terreno acelerava-lhe a corrida. À medida que se aproximava, distinguia cada vez mais nitidamente o monstruoso animal que se movia na sombra, pisando o corpo de Guilherme e despedaçando-o.

Francisco estava a quatro passos deles, e o urso estava tão embravecido que não dera mostra de vê-lo. Ele não se atrevia a atirar, com receio de matar Guilherme, se este ainda não houvesse morrido, porque tremia tanto que não podia responder pela sua pontaria. Apanhou uma pedra e jogou-a no urso. O animal voltou-se enfurecido contra o novo inimigo; estavam tão próximos um do outro que o urso levantou-se nas patas traseiras para sufocá-lo; Francisco sentiu-o empurrar com o peito o cano da carabina. Premiu, maquinalmente, o dedo no gatilho e o tiro partiu. O urso caiu para trás, a bala atravessara-lhe o peito e partira-lhe a coluna vertebral.

Francisco deixou-o arrastar-se, bramindo, sobre as patas dianteiras, e correu para Guilherme. Este não era mais um homem, nem mesmo era um cadáver: dele restavam apenas ossos e carne esmagada, a cabeça estava quase completamente devorada.

Como visse então, pelo movimento das luzes atrás das janelas, que muitos habitantes da aldeia haviam despertado, gritou repetidas vezes, indicando o lugar onde se encontrava. Alguns camponeses acudiram com armas, porque tinham ouvido os gritos e os tiros. Depressa toda a aldeia se encontrou reunida no pomar de Guilherme. A sua mulher veio com os outros. Foi uma cena horrível. Todos os presentes choravam como crianças. Fizeram para ela, no vale do Ródano, uma colecta que rendeu 700 francos. Francisco deu-lhe o prémio que recebeu, bem como lhe entregou o produto da venda da pele e da carne do urso. Finalmente, todos se esforçaram por ajudá-la e socorrê-la.

Publicado em *L'Abeille, revue mensuelle pour la jeunesse*

Obtenha outros e-books na secção [Biblioteca do Esquerda.net](#)